

Oswaldo Manuel Monteiro Sampaio

Relatório de Estágio

Modelo protocolar para a ligação do associativismo a um clube escola

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário



UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
VILA REAL, 2013

Oswaldo Manuel Monteiro Sampaio

Relatório de Estágio

Modelo protocolar para a ligação do associativismo a um clube escola

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Prof. Dr. Nuno Garrido

UTAD

Vila Real, 2013

Dissertação apresentada à UTAD, no DEP – ECHS, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física dos Ensino Básico e Secundário, cumprindo o estipulado na alínea b) do artigo 6º do regulamento dos Cursos de 2ºs Ciclos de Estudo em Ensino da UTAD, sob a orientação do Professor Doutor Nuno Garrido.

Agradecimentos

Nesta parte final do meu percurso académico, gostaria de realçar a expressão do meu agradecimento aqueles que de perto, se interessaram por esta caminhada:

Ao Supervisor Nuno Garrido, pelo apoio e supervisão prestados ao longo deste ano.

Ao professor orientador Pedro Reis, pelo apoio e acompanhamento permanente, pelos conhecimentos e experiências partilhadas e pelo sentido crítico na orientação deste processo de “descoberta guiada” que foi o estágio.

À direcção da Escola Secundária da Lixa, pela oportunidade de concretização do estágio na sua instituição, como também pela sua receptividade, apoio e disponibilidade na execução das actividades inerentes ao Núcleo de Estágio, pois sem a sua colaboração não seria viável e possível todo este processo.

Ao Grupo de Educação Física da Escola Secundária da Lixa, pela ajuda, apoio e principalmente pelos saberes transmitidos.

Aos meus colegas de estágio, pela relação de amizade, companheirismo e entreaajuda que fomos construindo ao longo deste ano, que por certo continuará pelo resto da nossa vida.

À minha melhor amiga e namorada, pela compreensão, carinho e dedicação, pelos pensamentos positivos e pela sua forma de me ajudar a ultrapassar mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais, por todo o apoio e protecção proporcionado ao longo destes anos da minha existência. Jamais será em demasia agradecer-vos por tudo o que me deram, dão e que sei que me vão continuar a dar.

Aos amigos da faculdade, pois sem eles, tenho a certeza que não era metade daquilo que sou hoje. Com eles passei muitos e bons momentos, quer nas horas de estudo, quer nas horas de diversão.

A todos o meu MUITO OBRIGADO.

Índice

Resumo	6
Abstract.....	7
1. Introdução	8
2. Dimensão Pessoal	10
2.1. Expetativas em relação ao estágio	10
3. Prática Pedagógica.....	14
3.1. Integração na escola.....	14
3.2. Caraterização da Turma.....	18
3.3. Planeamento	19
3.3.1. Planeamento anual	20
3.3.2. Unidades didáticas	21
3.3.3. Planos de aula.....	22
3.4. O desencadeamento das aulas	23
3.5. Dificuldades encontradas durante o ensino das modalidades	25
3.6. Instrução/demonstração.....	28
3.7. Controlo da turma	29
3.8. Avaliação	30
3.8.1. Avaliação Diagnóstico	31
3.8.2. Avaliação formativa.....	32
3.8.3. Avaliação sumativa	34
3.9. Observação das aulas	34
3.10. Atividades da escola.....	35
3.11. Desporto escolar.....	36
Bibliografia.....	38
4. Artigo	39
5. Conclusões e perspetivas para o futuro.....	48

Resumo

O relatório de estágio tem como objetivo a reflexão e análise crítica de todas as experiências vivenciadas e competências adquiridas ao longo do ano de estágio pedagógico, sendo clara a impossibilidade de transcrever a dimensão e profundidade que caracterizaram este ano na Escola Secundária da Lixa - Felgueiras.

O foco essencial deste relatório foi a contextualização, a descrição e a análise dos acontecimentos marcantes, vividos ao longo deste ano letivo (2012/2013). É de salientar a forma como as principais dificuldades foram identificadas e ultrapassadas, assumindo grande pertinência, na medida em que permitiu a consciencialização de todos os momentos positivos ou negativos, experimentados ao longo desta longa “caminhada”, fundamentais para o enquadramento e a avaliação mais adequada e verdadeira de todo o processo.

O presente relatório encontra-se organizado em partes, que vão desde a dimensão pessoal, passam pela prática profissional e sua realização, até às conclusões finais e perspectivas para o futuro.

É ainda de destacar o artigo “Modelo protocolar para a ligação do associativismo a um clube escola”. Foi objetivo deste artigo elaborar um modelo para minimizar o afastamento que existe entre o Desporto Federado e o Desporto Escolar.

Em suma, o Estágio Pedagógico apresentou-se como uma oportunidade marcante no desenvolvimento das minhas competências profissionais associadas ao ensino da Educação Física.

PALAVRAS CHAVE: Estágio Pedagógico, Escola, Desporto Escolar, Educação Física.

Abstract

The internship report has the objective to reflect the critical analysis about all the experiences and all skills acquired throughout the year of internship, being absolutely impossible to describe the dimension and the profound knowledge that characterizes the year at the secondary school of Lixa – Felgueiras.

The main focus of this report was to contextualize, the description and the analysis of significant events, experienced throughout this school year (2012/2013). It is important to highlight the main difficulties that were identified and overcome, assuming great relevance, in that it allowed the awareness of all the fundamental framework for positive and negative moments, experienced along this journey and the fundamental assessment of this whole process.

The following report is organized into different sections, which relate to personal perspectives, professional practice, and final conclusion for future prospects.

We can also emphasize the article “Modelo protocolar para a ligação do Associativismo a um Clube-escola”. The purpose of this article is to elaborate a model to minimize the distances that exist between the Federated Sport and School Sports.

In conclusion, the internship presents itself as an opportunity for my development and professional skills, associated with teaching Physical Education.

Keywords: Pedagogic Internship, School, School Sport, Physical Education.

1. Introdução

O presente trabalho tem como principais objectivos, a apresentação detalhada de todos os aspectos relevantes que aconteceram durante o estágio realizado na Escola Secundária da Lixa, de Setembro de 2012 a Junho de 2013, bem como, fazer uma reflexão sobre o desenrolar de toda essa caminhada.

Este está inserido no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), e marca a tão esperada mudança do papel de aluno para o papel de professor (Francisco & Pereira, 2004).

Como elementos fundamentais no desenvolvimento desta nova experiência, pude contar com a colaboração de dois colegas estagiários, um professor orientador, que desempenhava funções como docente da escola e um professor supervisor, que era o elo de ligação entre a escola onde estava a estagiar e a UTAD. Todos me acompanharam durante este percurso, emitindo as suas opiniões e partilhando as suas experiências, com perspectiva de entreajuda e melhoria no rendimento profissional.

O Estágio *"é a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e de desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável"* (Formosinho, 2001, p-53).

De acordo com Carvalhinho & Rodrigues (2004), a realização de um estágio é vista pelo aluno estagiário como o momento mais marcante e com maior significado na sua formação académica, devido aos imensos desafios que ele encontra ao longo do mesmo, pois terá de pôr em prática todos os conhecimentos e competências adquiridos durante esse tempo.

Comigo não foi excepção, e como tal encarei o estágio com muitas expectativas e sobretudo muita confiança, pois estava ciente do meu valor.

Durante este tempo desenvolvi bastante trabalho e empenhei-me ao máximo em tudo o que fiz, tentando sempre que possível pôr em prática aquilo que aprendi, e ao mesmo tempo tentar satisfazer as necessidades dos alunos.

Esta passagem da teoria à prática não foi fácil, no entanto, mais que nunca tive “liberdade” para fazer escolhas, criar métodos de ensino, errar e ao mesmo tempo aprender com os erros.

Com o passar do tempo tais dificuldades foram desaparecendo, assim como o nervosismo que me acompanhou nos primeiros dias de contacto com a escola e com os alunos, até que chegou o momento que me comecei a sentir um “verdadeiro professor”.

O Estágio é, assim, encarado como o contacto com a realidade (Francisco & Pereira, 2004) em que o aluno vai passando, de forma progressiva, a professor.

Para o processo ser uma realidade é fundamental registar, em relatório, toda a experiência vivida, de forma a retirar ilações pertinentes e úteis para o futuro, através de uma análise descritiva dos acontecimentos e reflexão sobre todo o processo.

Desta forma, este relatório estará estruturado por pontos mais gerais e que dizem respeito a toda a acção do estagiário, mas também outros pontos mais específicos e que delimitam o nível de intervenção.

2. Dimensão Pessoal

2.1. Expetativas em relação ao estágio

Após uma reunião, e tendo em conta as médias de todos os alunos que se propunham a estágio, no final do primeiro ano deste curso, fiquei inserido no núcleo de estágio da escola Secundária da Lixa, juntamente com dois colegas, formando com o professor Pedro Reis, orientador da escola, e com o professor Nuno Garrido, supervisor da faculdade, o núcleo de estágio nº2 desta mesma escola.

Foi com enorme expetativa que aguardei esta nova etapa no meu ciclo de estudos, pois uma nova realidade se aproximava. Realidade essa que acarretava consigo uma imensidão de novos sentimentos: ansiedade, curiosidade, um certo receio, mas ao mesmo tempo uma grande vontade de partir para a prática. Este era o estado de espírito que me envolvia no início desta nova etapa da minha vida.

Após quatro anos de estudo e constante formação específica na área da Educação Física e Desporto, eis que cheguei à última, e em minha opinião mais importante etapa deste curso superior, não retirando a extrema importância de cada um dos anos lectivos constituintes deste trajeto.

Foi por ela que ansiei todos estes anos, desde que decidi enveredar pela carreira docente. O contato com os alunos foi algo que sempre desejei e, por isso, nada melhor que esta experiência para me enriquecer como profissional, pois era para isso que vinha a ser preparado.

O estágio foi encarado por mim como uma oportunidade única e proveitosa para a minha formação, na medida em que pude aplicar na prática todo o conhecimento adquirido ao longo destes anos de formação, de forma a ultrapassar com êxito todos os possíveis problemas que porventura fossem surgindo.

Se por um lado era encarado como meio de aplicação de todo este saber adquirido para a realidade escolar, este era também encarado como um importante meio de aquisição de conhecimentos, pelo que estava perfeitamente consciente que iria aprender muito ao longo deste ano, quer com os alunos, quer com os meus colegas, ou ainda com a orientador e o supervisor.

Desta forma, o estágio representa o culminar de todo um processo de aquisição de conhecimentos, desta feita de um modo mais contextualizado e em concordância com a realidade escolar. Tal não verifiquei na faculdade, onde na maioria das vezes nos era apresentada uma realidade escolar ideal, ou seja, com alunos bem comportados, com condições materiais e espaciais excelentes, o que, na verdade, é uma ilusão.

Com este “colocar em prática” esperava eu, adquirir estratégias de ensino, que de uma forma ou de outra pudessem melhorar o processo de ensino a decorrer atualmente em Portugal e também, alterar o estigma que a Educação Física ainda acarreta no seio da comunidade escolar. Estas estratégias visam essencialmente a relação professor-aluno, o controlo da turma e a motivação dos alunos para a prática.

Neste último ano do curso de ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, muitas seriam as inovações para mim, desde logo porque teria que assumir verdadeiramente o papel de professor em todas as suas vertentes, no entanto continuava a ser aluno. Apesar de tudo esperava que esta situação me ajudasse a desenvolver melhor as minhas funções de professor, tirando partido de algumas orientações que iria receber este ano ainda como aluno. No entanto sabia que seria uma das maiores dificuldades com que me depararia este ano, isto é, ultrapassar esta barreira que separa alunos e professores. Sabia à priori que esta nova realidade ia exigir algum tempo de adaptação da minha parte.

Incluídas nas minhas reflexões e pensamentos iniciais sobre o estágio estavam as interrogações de como seriam o orientador e o supervisor de estágio, pois, na minha opinião, são os pilares deste processo de ensino.

A minha curiosidade interrogava o modo de agir destas duas pessoas, ou seja, se iriam ajudar os estagiários, acompanhando o seu trabalho, orientando e incentivando-os, ou se pelo contrário apenas estariam presentes para avaliar e julgar o seu desempenho. Todavia, previa que estas duas pessoas, através do seu grande conhecimento e experiência da vida escolar, me ajudassem a resolver os problemas, que devido à minha falta de experiência eu não fosse capaz de solucionar, ou não o fizesse do modo mais correcto; me transmitissem alguns dos seus conhecimentos e experiências vividas ao longo

dos anos. Contudo, sabia que estas duas pessoas iriam avaliar o meu trabalho, e como tal esperava corresponder às suas expectativas.

No que concerne aos meus colegas do núcleo de estágio, acreditava que nos iríamos relacionar todos na perfeição, uma vez que já nos conhecíamos há algum tempo.

Outro aspecto que abonava em nosso favor, prendia-se com o facto de termos todos facilidades de deslocarmo-nos rapidamente à escola, quando necessário, o que contribuiria também para um melhor funcionamento do grupo, pois este teria que laborar como um todo. Isto era possível porque todos morávamos relativamente perto da escola. O facto de poder estagiar perto de casa, na escola que pretendia, e também saber que podia contar com a ajuda dos dois colegas que me iam acompanhar ao longo desta etapa, na eventualidade de encontrar alguma dificuldade, trazia também boas expectativas.

Por fim, e talvez a maior expectativa da minha parte, estava centrada na turma e no tipo de alunos que iria encontrar e com os quais iria realizar a intervenção pedagógica. Eles são a razão final de todo o estudo ao longo da vida académica, de todo o empenho em cada vez saber mais, portanto tinha consciência que o primeiro contacto iria ser bastante importante para o desenrolar do ano lectivo.

Solucionados alguns problemas iniciais, de qual seria o meu grupo de estágio, a escola para a qual iria leccionar e suas condições de trabalho, que em meu entender são de extrema importância no decorrer e sucesso de um estágio, estava então em condições de “passar à acção”.

No que diz respeito às aulas era meu objetivo ter sempre presente alguns aspectos que considero fundamentais para o sucesso do processo ensino/aprendizagem, tais como a disciplina, o empenhamento e a motivação para as tarefas a realizar. Esperava assim conseguir motivar os alunos para a prática das aulas de Educação Física, transmitir-lhes o que esta significa e levá-los a interiorizar os seus objectivos.

O estágio abrange outros pontos para além das aulas de Educação Física, que são também muito importantes e que em meu entender contribuem em muito para o enriquecimento da minha formação profissional, tais como a participação na organização de torneios escolares, a elaboração de um artigo a

apresentar no IV Congresso “A Escola Hoje”, e do qual também fiz parte da organização, entre outros.

Devido à sua extrema importância, para que a minha formação profissional fosse mais rica e vasta, estes pontos iriam ter da minha parte o mesmo empenho e esforço para atingir o êxito, que os restantes pontos constituintes deste ano de estágio.

No que concerne às unidades didáticas esperava encontrar dificuldades na transmissão de algumas delas. Nesta altura pensava assim pelo facto de não ter tido muito contacto com algumas dessas modalidades e por conseguinte não estava à vontade para as leccionar. Contudo esperava escolher os meios, pelos quais seja possível transmitir o melhor possível os conteúdos e objectivos a que me propus neste início de ano lectivo.

As minhas expectativas pela escola levavam-me a pressupor que esta seria como uma segunda casa para mim, visto que ia passar lá grande parte do tempo. Quando falo em casa quero dizer um “lar”, onde eu tivesse sempre vontade de voltar a entrar. Isto iria depender da minha integração, no entanto naquilo que dependesse do meu “jeito” achava ser capaz de fazer muitos e bons amigos.

Em suma, aguardava deste quinto e último ano do meu curso Superior em Educação Física e Desporto, mas primeiro da minha vida profissional, uma agradável e enriquecedora experiência em todos os planos, humano, social, profissional, afectivo, e que em tudo contribuísse para a minha formação e evolução, de modo a poder encarar o futuro de uma forma mais segura e optimista, tendo sempre presente a noção de que a formação é algo que não estagna e se prolonga pela vida fora. Apesar de todas estas expectativas, sabia que ia ser um ano trabalhoso, um criar ferramentas de actuação futura, um processo avaliativo constante, mas que me ia fazer crescer não só como docente, mas também como pessoa. Além disso esperava conseguir atingir todos os objectivos a que me propus, sendo a nota final de estágio o espelho de todo o meu trabalho desenvolvido ao longo do ano lectivo.

3. Prática Pedagógica

O desenvolvimento e concretização do processo de estágio só foi possível, face à execução de um conjunto de tarefas, assim como à procura constante de respostas em função dos problemas e dificuldades que foram encontradas.

É neste capítulo que serão apresentadas todas essas tarefas, as quais reflectem essencialmente as competências do professor estagiário face ao processo ensino-aprendizagem, nomeadamente o planeamento, a realização e a avaliação do ensino. Além disso serão apresentados também os principais pontos de reflexão.

3.1. Integração na escola

No dia 03 de Setembro de 2012 apresentei-me oficialmente na Escola Secundária da Lixa. Lembro-me de pensar, nesse dia, que a minha entrada na escola tinha um significado diferente de todas as realizadas anteriormente.

A minha primeira apresentação ao orientador de estágio, professor Pedro Reis, ocorreu nesse dia. Tive logo a certeza de que se tratava de uma pessoa com uma excelente abertura e compreensão, com intenção de criar acima de tudo um bom clima entre os estagiários, para que o trabalho se desenrolasse da melhor forma possível.

Chegado ao fim do estágio reconheço nele grandes virtudes, destacando principalmente a sua extrema competência, sentido ético e dedicação que colocou em todas as tarefas desempenhadas ao longo do estágio. Além disso reconheço nele também uma capacidade de compreensão prática do contexto de aula, desenvolvida ao máximo, sendo sempre pertinente nas observações que fazia. Estas observações ajudaram-me em muito a evoluir como professor e assim poder proporcionar aos meus alunos a melhor aprendizagem possível.

As suas críticas construtivas permitiram-me melhorar a actuação enquanto docente e foi a ele que muitas vezes me dirigi para tirar as dúvidas que iam surgindo. Contribuiu assim de uma forma muito positiva para a minha aprendizagem e formação pessoal pois, no fim de todas as aulas, juntamente

com os restantes colegas estagiários, corrigia os erros e falhas, mas também apresentava aspectos a melhorar ou a modificar. Tudo isto era acompanhado por elogios dos aspectos positivos de cada aula, o que fez com que em termos pessoais e profissionais conseguisse crescer aula após aula. Por último, para além do lado humano, amigo e conselheiro que mostrou ser, foi de facto uma pessoa extremamente competente e que procurou, a todo o instante, dar algo mais aos estagiários, transmitindo na sua opinião os principais valores da profissão de docente.

Voltando ao dia da apresentação, é importante referir que o professor orientador deu-nos a conhecer as condições da escola para a disciplina de Educação Física. No entanto, à posteriori, foi-nos dado a conhecer mais pormenorizadamente o material existente e seu estado de funcionamento, assim como, as condições existentes em cada instalação desportiva. Tal aconteceu porque a escola padecia de uma requalificação geral, e então além de algum material ficar danificado, a arrecadação necessitava de uma arrumação profunda, que acabou por acontecer antes do ano lectivo começar.

Pelo contrário a finalização das obras do campo exterior aconteceu após algum tempo desta data. Apesar de não ser a situação desejável é de salientar que as minhas aulas nunca foram afectadas, pois nas vezes que acontecia ser eu a leccionar a aula no espaço exterior um dos outros professores trocava comigo. É ainda de referir que todo o material existente foi suficiente.

Outra pessoa, não menos importante, foi dada a conhecer ao estagiário, o director da escola. Desde o primeiro momento mostrou-se cooperante e pronto a verificar a possibilidade de concretização dos nossos objetivos. Esteve sempre disponível, e nunca colocou qualquer tipo de entrave na realização dos mesmos. Aceitou com agrado e além disso realçou a importância que a dinamização desses projectos tem na comunidade educativa.

No que diz respeito aos meus colegas do núcleo de estágio, pode dizer-se que foram sempre determinados em colaborar da melhor forma com todo o tipo de trabalho em prol de um único objetivo, a adaptação à realidade escolar. Raramente as opiniões eram divergentes, no entanto depois de algumas trocas de ideias chegámos sempre a consenso.

Todas as semanas o núcleo de estágio reuniu, com o objetivo de discutir todas as matérias, pelo que existia diariamente troca de ideias relativamente a

estratégias de ensino ou a diferentes abordagens relativamente às aulas. À vez competia a cada estagiário redigir a ata dessa mesma reunião.

Debruçando-me agora sobre o grupo de Educação Física, constituído por 6 professores, e outro núcleo de estágio, para além do nosso, pode dizer-se que com todos eles foi criado um “laço de amizade”. A vivência foi mais evidenciada com alguns professores do que outros, devido à incompatibilidade de horários e pela maior ou menor disponibilidade de participarem nalgumas actividades que foram organizadas pelos estagiários. Contudo, todos deram o seu contributo, pois participaram directa ou indirectamente nas actividades organizadas, como por exemplo, no torneio de Street Basket. Desde o primeiro dia que todos os professores do grupo se mostraram bastantes receptivos, tentando integrar-nos na escola da melhor maneira. A sua experiência na prática pedagógica foi-nos sendo transmitida ao longo do ano lectivo cada vez que colocávamos alguma dúvida.

Apesar do estatuto e da posição hierárquica que ocupa um estagiário no seio do grupo disciplinar de Educação Física, não me reprimi de dar opinião na generalidade das reuniões em que participei, assim como os meus colegas estagiários, embora no início isso não tenha acontecido.

É de salientar o elevado espírito de grupo e entreajuda que se viveu ao longo do ano lectivo.

Apesar de não ter um contacto tão directo com os outros professores da escola, o relacionamento foi crescendo ao longo do ano, estabelecendo-se um clima de respeito mútuo procurando sempre que possível manter uma atitude aberta de procura de conhecimento.

Esta socialização deveu-se em muito à presença assídua na sala dos professores, muito embora sabendo que o grupo de Educação Física dispunha de um gabinete próprio. Enquanto aluno este foi um espaço sempre encarado com alguma curiosidade, pois a entrada era restrita a professores, no entanto a partir desta altura passou apenas a ser um local de trabalho. Além disso a participação no jantar de Natal que decorreu num ambiente de convívio e de boa disposição permitiu-me relacionar melhor com esses professores.

O facto de ser estagiário não me impediu de verificar que o ensino na escola vive, devido às novas leis do ministério da Educação, um momento

perturbado que, inevitavelmente, também se reflecte na área disciplinar de Educação Física. Pareceu-me verificar um desânimo geral dos professores.

Em relação ao supervisor, professor Nuno Garrido, identifico nele uma elevada capacidade teórico-prática e também científica que lhe permite acompanhar e auxiliar o estagiário melhor que ninguém, contribuindo com sucesso para um eficaz processo de ensino/aprendizagem.

Devo também salientar a sua disponibilidade, que foi sempre total na medida das suas possibilidades, mas também o clima positivo que trouxe para as discussões e diálogos, ainda que por vezes breves, mas sempre muito proveitosos. As suas críticas foram sempre acompanhadas de alternativas para colmatar os aspectos menos positivos, de forma a levar o estagiário a melhorar a sua intervenção pedagógica.

Tendo em conta que ao nosso orientador foram atribuídas 4 turmas, este decidiu atribuir a cada estagiário uma delas, ou seja, como eram três estagiários o professor orientador apenas tinha de se “preocupar” com as aulas de uma turma, no entanto ficou combinado que, apesar de ultrapassar as horas obrigatórias do estágio, cada um teria de acompanhar a sua turma até ao fim do ano lectivo.

Por azar, ou talvez não, foi-me atribuído uma turma de 10º Ano. Trata-se de uma turma de secundário, no entanto o seu comportamento ainda diz respeito a uma turma de ensino básico, visto que são muito irrequietos, faladores e rebeldes, no entanto, ninguém me faltou ao respeito. Apesar de tudo, na maioria dos casos os objetivos estabelecidos foram cumpridos.

Encarei tudo isto como um desafio, pois sei que no futuro irei encontrar muitas turmas como esta, e então nada melhor como este impacto para uma melhor preparação.

No final deste processo fiquei igualmente contente pois para além de me verem como professor, viram-me como um amigo que podem contar para muitas situações extra aula, pois a minha proximidade com eles fora do contexto de aula (essencialmente no bar e nos corredores) permitiu-me conhecê-los melhor em alguns aspectos. Além disso entendi melhor o relacionamento entre vários alunos da turma, o que me permitiu adequar a prática, valorizando os aspetos positivos, assim como promover aprendizagens significativas.

Ultrapassadas as expectativas e olhar para trás e ver que já passou um ano pode considerar-se que este foi um período muito enriquecedor, não só a nível profissional, emocional, mas também a nível pessoal e relacional. Profissional porque possibilitou a aquisição de conhecimentos, técnicas e competências que me tornaram capaz de exercer o papel de professor com mais responsabilidade no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem. Emocional porque me ajudou a gerir as diferentes emoções, nomeadamente o medo, a ansiedade e a insegurança tendo em conta a inexperiência. Além disso foi também um período enriquecedor em termos pessoais e relacionais porque o facto de conhecer novas pessoas, com personalidades e experiências diferentes permitiu-me enriquecer enquanto professor, mas sobretudo enquanto pessoa.

De uma forma geral, é peremptório dizer que o estágio preencheu todas as minhas expectativas, e em muitos casos superou-as.

3.2. Caraterização da Turma

Para o professor é fundamental possuir um conhecimento, quer geral, quer individualizado, de cada um dos seus alunos da turma que lhe foi atribuído, afinal, qualquer docente gosta de ter na sua posse o máximo de informação sobre a turma que leciona. Só assim poderá ter uma atuação eficaz e adequada às reais necessidades da turma, daí que seja indiscutível afirmar que a caraterização adequada da mesma é uma mais valia para o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, de seguida irei apresentar alguns dados relativos à turma que leccionei, dados esses que foram obtidos no início do ano lectivo, através de uma caraterização detalhada da turma, por meio de uma ficha de caraterização individual do aluno, elaborada pelo núcleo de estágio.

Trata-se de uma turma de 10º ano, mais propriamente o 10ºE e pertencem ao curso de Linguas e Humanidades. Esta é constituída por 24 alunos, 11 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos (em 21 de Setembro de 2012).

De uma forma geral advêm de famílias pouco numerosas, sendo que a maioria dos pais tem o 2º ciclo concluído.

Quanto à situação conjugal dos pais, verifica-se que um quarto dos alunos tem os pais divorciados, o que desde cedo despertou grande preocupação, pois o comportamento e concentração, por vezes poderia não ser muito adequado, o que se veio a verificar.

Trata-se de uma turma bastante buliçosa e desmotivada, apresentado de uma forma constante comportamentos desviantes ao longo das aulas,

O facto de a escola, nesse ano lectivo, não ter “oferecido” o curso profissional de turismo gerou esse comportamento, pois a maioria dos alunos queria ter frequentado esse curso, ao contrário daquele que estavam a frequentar.

Tal comportamento reflectiu-se no baixo aproveitamento escolar em cada período, tendo mesmo no final do ano reprovado um terço da turma. Ainda no que se refere ao comportamento, verifiquei que a turma não era muito unida. Existiam alunos que nem sempre tinham uma melhor atitude com os colegas.

Em jeito de conclusão, pode dizer-se que este estudo foi fundamental para conhecer melhor a turma e os respetivos alunos, assim como dirigir a atenção a pormenores que poderiam ter passado ocultos e a encontrar soluções metodológicas e pedagógicas para situações presentes e futuras.

3.3. Planeamento

De forma a evitar o maior número de erros e garantir o máximo de rigor neste processo que é o estágio, todos os trabalhos foram precedidos de um planeamento.

De acordo com Faria (1972), e inserido no contexto escolar, o planeamento é a “previsão de todas as etapas do trabalho escolar e a programação de todas as actividades, de forma que o ensino se torne eficaz, seguro e económico”.

Já Olímpio, J. (1998), define planeamento como “uma reflexão pormenorizada acerca da duração e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina”.

O planeamento é portanto um guia para o professor no seu processo de ensino-aprendizagem, a partir do qual melhora a qualidade de ensino e como tal melhora os resultados obtidos, no entanto não tem que ser rígido, ou seja, por alguma razão pode ser reajustado ao longo do ano.

3.3.1. Planeamento anual

Antes de passar ao primeiro passo do planeamento, que segundo Bento J. (2003) é o plano anual, foi necessário analisar um conjunto de documentos fornecidos pelo professor orientador, na primeira reunião do núcleo de estágio. O regulamento interno da escola e o programa de educação física foram alguns desses documentos. A sua análise foi bastante importante porque para além de me permitir envolver na escola como professor, permitiu também ter em conta diversas variáveis, importantes para a realização do planeamento, nomeadamente a turma que ia leccionar, as matérias a abordar, os conteúdos, e as condições materiais existentes.

Um elemento importante para a elaboração do planeamento anual foi a primeira reunião com o grupo de Educação Física, uma vez que enquadrámos as modalidades a abordar por período e por ano escolar, bem como o horário de cada professor.

Além disso foram também apresentados os critérios de avaliação e os horários das respectivas turmas.

Nesta reunião, e tendo em conta a troca de opiniões dos professores, resultado da sua experiência, surgiu a necessidade de reduzir o número de modalidades a abordar, de forma a ir de encontro às condições da escola, e à carga horária da disciplina de educação física.

A partir dos dados apresentados surge a primeira tomada de decisão dos estagiários. A ordem pela qual as modalidades seriam abordadas em cada período, assim como a carga horária para cada uma delas ficaram ao seu critério, sempre com o acompanhamento do orientador. Estas decisões tiveram ainda em conta o roulement apresentado pelo responsável de instalações, o qual faz a distribuição dos espaços desportivos pelos professores nos diferentes dias e horas. Ficou definido que a rotatividade fazia-se de semana a

semana, pois existiam quatro espaços, dos quais um era exterior. Neste ponto, tenho de salientar a boa vontade dos restantes professores, uma vez que se mostraram sempre disponíveis a trocar comigo quando era necessário. Contudo por vezes foi necessário interromper uma modalidade, isto devido às rotações de espaços obrigatórias, sendo retomadas passado algum tempo.

No decorrer do ano lectivo, existiu a necessidade de se proceder a alguns reajustamentos ao nível dos conteúdos e distribuição do número de horas por modalidade, à medida que surgiam alguns imprevistos.

Um plano anual de actividades foi também elaborado pelo grupo de educação física. Apesar de algumas alterações provocadas pelas condições atmosféricas é importante referir que todas essas actividades foram realizadas.

3.3.2. Unidades didáticas

Este planeamento é uma etapa fundamental e imprescindível para uma adequada e correcta consecução do processo ensino/aprendizagem.

É através do planeamento das unidades didáticas que definimos a rumo que vamos dar aos planos de aula. Só assim é possível fazer uma extensão e sequência dos conteúdos, garantindo-se, desta forma, uma coerência e continuidade do processo ensino/aprendizagem, no entanto por diversas razões nem sempre foram cumpridas.

Depois de conhecida a turma que ia leccionar ficou decidido que o planeamento das unidades didáticas poderia ser ajustado e adaptado à realidade existente da nossa turma.

A elaboração das unidades didáticas foi um trabalho bastante cansativo, no entanto o facto de verificar que estava no caminho certo dava outro alento.

Todo o processo envolvente na elaboração das unidades didáticas manifestou-se necessário e imprescindível para a conquista de uma sequência lógica e progressiva dos objectivos e conteúdos ao longo das aulas.

Apesar de tanto cuidado na elaboração da planificação, nem sempre foi possível cumprir integralmente o planeamento realizado nas unidades didáticas em virtude do surgimento de alguns imprevistos.

3.3.3. Planos de aula

Os planos de aula constituem a proporção mais operacional do planeamento.

Consistem num guião que indicam os objectivos e conteúdos a serem atingidos, as actividades que levarão ao seu atingir e o tempo definido para cada fase e/ou actividade. As situações ocorridas em cada aula poderão levá-lo a modificações e reajustamentos necessários.

De acordo com Bento J. (2003) esta última fase do planeamento encontra-se dividida em três partes distintas: parte inicial, parte fundamental e a parte final. Este foi o nível de planeamento que desde o início do estágio requereu grande ponderação da minha parte, pois desde cedo que me apercebi que uma aula de educação física tem dinâmicas únicas e específicas bem distintas de um treino de uma modalidade onde os atletas estão por sua própria iniciativa e vontade

A parte inicial contempla aspectos como a activação geral, o preparar das estruturas articulares e musculares para a aula, e em alguns casos, já com introdução de elementos da parte principal da aula. Normalmente era nesta fase da aula que relembrava as regras ou o recapitular de algo importante.

A parte fundamental era constituída por situações que levam ao atingir dos objectivos propostos para a aula.

A preparação de uma aula necessita de uma base de reflexão muito grande e cuidada, deve constituir-se como o ponto de partida para toda a actividade, mas sempre sujeita a adaptações e ajustamentos. Só através desta reflexão antecipada sobre os objectivos, conteúdos e metodologias, é que se poderá realizar um trabalho regular e consciente na formação dos nossos alunos.

Um dos grandes objectivos, por mim estipulado, de aula para aula, foi o de incutir rotinas e hábitos de trabalho na disposição das diferentes actividades, regras de comportamento e estratégias, para que os alunos se mantivessem em actividade no maior período de tempo possível e de forma que esta se relacionasse com os objectivos gerais da aula.

A transmissão de informação é muito importante, pois exerce grande influência na resposta motora do aluno. Penso que com o desenrolar das aulas,

a informação se tornou mais objectiva e os pontos-chave para cada exercício mais nítidos.

De salientar, é o facto da minha improvisação ter aumentado com o decorrer do ano lectivo. As diferentes formas de agir e de pensar por parte dos alunos aliadas à imprevisibilidade das situações que foram surgindo, exigiram, da minha parte, uma grande flexibilidade.

Relativamente ao controlo disciplinar, felizmente não senti grandes dificuldades, e como já foi referido anteriormente, apesar do seu comportamento, alcancei mesmo um relacionamento de grande amizade com a turma.

A última parte, a final, é utilizada para o retorno à calma, focando aspectos fundamentais e/ou objectivos atingidos e respectivo desenvolvimento dos alunos.

No final de cada aula foi realizado um balanço com o objetivo de reflectir sobre o que aconteceu durante este período. Além disso serviu ainda para registar sugestões para as próximas aulas.

É no plano de aula que realmente se vê a capacidade individual do estagiário/professor.

3.4. O desencadeamento das aulas

No decorrer das aulas, propus-me atingir alguns objetivos como: proporcionar tempos elevados de prática, reduzindo ao máximo o tempo de espera; desenvolver a capacidade de adaptação às situações potencialmente problemáticas (quer em termos de execução, quer em termos relacionais); propor exercícios promotores da melhoria na realização dos conteúdos; valorizar a qualidade e objetividade dos feedbacks e, por fim, promover um clima de aula propício à aprendizagem.

A consciência da necessidade de traçar objetivos enquadra-se na perspetiva defendida por Bento J. (2003), que afirma que o professor na aula atua sobre os alunos na persecução dos objetivos, por meio dos conteúdos, dos métodos e das formas de organização da intervenção. Caso não se atribua objetivos a uma aula, esta decorre sem direção e sem resultados para o

professor e para os alunos. Assim, ao longo do ano, utilizei várias estratégias, desde a colocação dos materiais no local apropriado para iniciar o exercício, a redução dos tempos de instrução, a explicação aleada à exemplificação diminuindo o tempo de inatividade dos alunos e focalizando-os na aula. Este aspeto tornou-se importante uma vez que, no mesmo espaço físico, muitas vezes decorriam outras aulas em simultâneo, dispersando a atenção dos alunos.

Por outro lado, a distribuição dos alunos no espaço, poderá ser um fator que condicione a maior ou menor atenção. Assim, por exemplo, a colocação dos alunos de costas voltadas para o sol (quando as aulas decorrem no exterior), para que estes consigam visualizar perfeitamente as exemplificações ou explicações, pode apresentar-se como um aspeto de grande relevância para o sucesso da aula.

Para me adaptar às diversas situações que pudessem surgir na turma, decidi observar os alunos no decorrer das aulas de educação física e nos intervalos, de forma analisar as relações entre os elementos da turma. Na sequência desta observação, foi possível propor a constituição de grupos evitando qualquer tipo de adversidades, e, em simultâneo, obter benefícios no controlo da turma promovendo o respeito e a cooperação, embora nem sempre era isso que acontecia.

No que diz respeito à preocupação com a qualidade e objetividade dos feedbacks, assinala-se que esta foi uma constante no decorrer do estágio.

Um aspeto que suscitou a minha reflexão, por diversas vezes, prendeu-se com a permissão do espaço para errar. Assim, na minha opinião, o erro deve poder ser experimentado, mas será imprescindível impedir a sua exercitação, intervindo junto dos jovens para que estes se consciencializem do erro, identifiquem possibilidades de correção e o possam corrigir o mais cedo possível. Contudo esta estratégia requeria uma passagem atenta por todos os grupos verificando o que não estava a ser executado corretamente. Nesta passagem, a minha intervenção era adequada às necessidades do grupo, isto é, num grupo poderia corrigir a ação dos membros inferiores e, no outro, a ação dos membros superiores, consoante o que os alunos estivessem a realizar de forma menos correta. Neste sentido, definia objetivos de trabalho

para cada aula, direcionando-as especificamente para os aspetos que pretendia que fossem corrigidos.

Ao longo deste ano, o processo de reflexão revelou-se constante e essencial, uma vez que, como já foi referido, no final de cada aula, procedia-se a uma análise crítica.

3.5.Dificuldades encontradas durante o ensino das modalidades

Ao longo do ano letivo, de acordo com o previsto no plano anual de atividades, iniciei o primeiro período com as modalidades de atletismo e voleibol. A primeira foi abordada tendo em conta alguns dos ensinamentos adquiridos na licenciatura, nomeadamente as progressões a aplicar no processo ensino-aprendizagem.

Nesta fase, penso que pelo facto de o atletismo envolver várias modalidades, tornou-se um pouco complexo planificar e aplicar as diferentes sequências, nomeadamente no triplo salto. Considero ser esta, uma das sequências que envolve maiores requisitos técnicos para que os alunos obtenham sucesso, pelo que foi também um dos conteúdos em que os alunos apresentaram maiores dificuldades.

Relativamente às aulas de voleibol, importa referir que, para as tornar apelativas para os alunos, tive necessidade de aplicar estratégias de ensino diversificadas, como as rotações entre os diversos grupos, a aplicação de jogos pré-desportivos ou a transmissão aos alunos da forma mais completa possível. Todas estas estratégias estavam sempre aliadas a uma correta exemplificação, acrescentando, sempre que possível, informação individualizada a cada aluno, à medida que os erros iam sendo detectados.

No segundo período, abordei uma das minhas modalidades desportivas, o andebol, julgo poder afirmar que os alunos beneficiaram da minha experiência e conhecimentos na modalidade, o que se manifestou na realização de aulas bastante divertidas que motivaram e envolveram os alunos, mas, sobretudo, permitiu que aprendessem a gostar da modalidade e a executar corretamente as técnicas fundamentais. A experiência de que falei advém dos tempos da licenciatura, altura em que fazia parte de uma equipa de andebol. Apesar de ter

sido um curto período de exercitação, foi possível observar evolução na execução dos alunos.

Tal evolução verificou-se na modalidade de Badminton, sendo esta uma das que, quer eu, quer os alunos se sentiram mais à vontade, em muito devido à participação no desporto escolar.

Este período foi também, aquele em que se abordou a modalidade que considero a mais complicada e aquela em que senti maiores dificuldades na transmissão dos conteúdos aos alunos, a ginástica. Tendo em conta que, eu próprio sinto algumas dificuldades, em termos de execução (nomeadamente no que respeita à flexibilidade) relativamente a esta modalidade e que, as questões de segurança são um fator determinante para o sucesso das aulas, assumo como tendo sido esta a modalidade em que me senti menos seguro e confiante. Porém, através de algumas conversas com o professor orientador percebi a necessidade que esta modalidade requer em termos de empenho e exercitação, bem como (no meu caso) de uma planificação muito cuidada e criteriosa, que permita uma menor exposição perante a turma e, sobretudo, um grande controlo da mesma que deve ser uma das primeiras prioridades ao abordar a ginástica.

Assim, foi necessário realizar algumas pesquisas para adotar a melhor estratégia a ter com a turma. A observação das aulas dos outros professores, tiveram um papel preponderante na minha evolução, pois permitiu-me aprender e adotar algumas estratégias para que as aulas cumprissem os seus objetivos. A ajuda do professor orientador foi um elemento fundamental neste processo de evolução, pois manteve-se sempre atento às minhas intervenções, controlando a minha atuação à distância, mas sempre pronto a intervir nos momentos de maior atrapalhão. Este teve um papel preponderante no decorrer de todas as aulas, questionando-me a propósito da realização dos diversos exercícios, dando sugestões para a sua melhoria e assistindo os alunos quando necessário.

Este segundo período caracterizo-o como menos conseguido, pois a leção desta última modalidade acabou por me afetar a nível anímico, diminuindo o meu entusiasmo. No entanto, fazendo neste momento uma análise isenta, deve referir-se o excelente início de período e o que de positivo

(em termos de aprendizagem e experimentação) advém das situações menos conseguidas, neste caso da leção da ginástica.

Por fim, chegou o terceiro período, foi altura de abordar o basquetebol e a ginástica acrobática.

Em relação ao basquetebol, verificaram-se algumas dificuldades por parte dos alunos, principalmente no que toca ao lançamento, pois os alunos efetuavam o passe de peito para lançarem ao cesto. Apesar de tudo no final do exercício os alunos já possuíam uma elevada percentagem de concretização. Outra das dificuldades apresentadas pelos alunos relacionava-se com a ocupação racional do espaço, aspeto que foi rapidamente corrigido, uma vez que os alunos perceberam o que teriam de realizar. No entanto, por vezes deixavam-se levar pelo fervor do jogo e concentravam-se ao redor da bola. O mesmo aconteceu com a execução do lançamento, em que os alunos ao serem questionados respondiam da forma mais correta mas, no momento de execução, nem sempre o movimento era realizado de acordo com o pretendido.

Tendo em conta o que aconteceu na modalidade de ginástica, no segundo período, estava à espera que a modalidade de ginástica acrobática não fosse bem conseguida, no entanto não se verificou. O facto de dividir a turma em grupos e dizer que no final da unidade didática teriam de apresentar uma sequência gímnica, em conformidade com uma música e tendo em conta um tema gerou um bom ambiente da aula, embora por vezes tivesse sido necessário intervir, de forma a organizar as ideias que iam surgindo pelos diferentes elementos.

Neste período adaptei algumas estratégias (sobretudo as de funcionamento da aula), uma vez que, à medida que ia conhecendo a turma e ganhando confiança e experiência, a diversidade de abordagens foi-se implementando e ganhando naturalidade.

O professor orientador desempenhou um papel fulcral ao longo de todo o processo de estágio, pois, para além da sua presença, partilha de saberes e observação cuidada, estabeleceu alguns hábitos importantes, como foi o caso dos pequenos momentos de reflexão, no final de cada aula, que constituíram uma das oportunidades de correção de alguns dos erros que merecessem referência.

3.6. Instrução/demonstração

Por instrução entende-se um conjunto de comportamentos adotados pelo professor que visam a comunicação de informação, estabelecendo uma relação entre conteúdos e objetivos de aprendizagem (Siedentop, 1991).

Assim, perante a turma, optou-se pelo modelo de instrução direta, sendo que este caracteriza-se por centrar no professor todas as decisões relativamente ao processo de ensino-aprendizagem, determinando as regras e rotinas de gestão dos alunos, com o objetivo de retirar a maior eficiência possível no decorrer de todas as atividades propostas (Mesquita, 2009).

Segundo os mesmos autores, o professor, ao utilizar este modelo, deve estruturar pormenorizadamente as situações de aprendizagem, programando-as para que ocorram progressões de ensino em pequenos passos, preocupando-se com uma prática motora ativa e intensa, avaliar e corrigir os alunos, principalmente numa fase inicial do ensino e, realizando uma revisão da aula anterior.

Assim, e cumprindo estas diretrizes, realizei uma planificação cuidada e objetiva de todas as aulas lecionadas, e fiz um esforço no sentido de manter os alunos em exercício físico constante, corrigindo e apoiando os seus desempenhos. Foram valorizados todos os progressos realizados e promoveu-se a consciencialização desses progressos, avaliando (quer na perspetiva formativa, quer na dimensão sumativa) rigorosamente cada prestação. No sentido de facilitar o sucesso das aulas, um aspeto alvo de preocupação foi o de garantir explicações breves e claras, aperfeiçoando este parâmetro ao longo do ano. Nos momentos em que a instrução não percorria todos os pontos-chave de um determinado exercício, ou quando não fosse percebida corretamente, a utilização do feedback pedagógico foi um recurso constante.

Outro aspeto importante a referir, prende-se com os momentos em que foram apresentadas novas habilidades, havendo sempre a preocupação de proporcionar uma demonstração prática que permitisse reforçar a explicação.

Temprado (1997) afirma que, a demonstração permite diminuir o tempo de prática necessário para atingir determinado nível de performance.

Existiram momentos em que a exemplificação não terá sido a mais correta, no entanto, garantiu-se, num mínimo duas vezes, demonstrações

corretas, sendo que, o erro foi utilizado, com bastante frequência, como mote para o questionamento.

Segundo Mesquita (2009), o questionamento sistemático e planeado, percorrendo todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem, poderá ser um instrumento de avaliação, não só dos alunos mas do próprio ensino, do professor e dos contextos em que se inserem, servindo para concretizar aspetos decisivos da avaliação.

Ao saber que os conteúdos se encontravam consolidados, com frequência era solicitada a colaboração de um aluno. Estas situações implicavam algum cuidado na seleção, diversificando a escolha e dando oportunidade de participação a todos os alunos.

3.7. Controlo da turma

As relações professor/aluno foram sendo alteradas consoante as estratégias que se iam aplicando. Assim, inicialmente recorreu-se a uma atitude um pouco prescritiva, isto é, mostravam-se os exercícios que os alunos deveriam fazer, exemplificando e tirando algumas dúvidas, casos estas existissem, dando imediatamente início ao exercício. Nos intervalos, era mantida uma relação distante, cumprimentando-os apenas. Esta foi a forma mais confortável e que garantia maior segurança no relacionamento professor/aluno. No entanto, à medida que o tempo passou, foi possível aumentar gradualmente o grau de proximidade com os alunos, pois estes souberam manter o respeito e aceitar a autoridade do professor. Julgo ter-se tratado de uma conquista bem-sucedida.

No início da modalidade de basquetebol, foi perceptível que os alunos, sempre que tinham contacto com a bola, dispersavam a sua atenção, assim optou-se pela adoção de algumas regras expectando-se a melhoria do controlo da turma. Por exemplo, no momento em os alunos retiravam as bolas do saco, quase instintivamente iniciavam o drible em vez de virem ter com o professor para que este pudesse explicar o exercício a realizar, aplicando-se uma regra que impedia o drible antes da indicação por parte do professor. Outra das regras aplicadas prendeu-se com o momento de chamar os alunos para mudar

de exercício. O que normalmente acontecia era que, perante o sinal, os alunos dirigiam-se ao professor a passo, pelo que foi introduzida uma contagem decrescente que funcionou como incentivo para uma deslocação muito mais rápida, rentabilizando assim o tempo de aula.

Com o decorrer das aulas, os alunos que não a realizavam, uns por não trazerem o material adequado, outros porque tinham dispensa, nunca deixaram de ter as suas tarefas, nomeadamente de apoio ao professor, fosse na recolha do material, fosse na distribuição do mesmo pelo espaço.

Além disto, outros problemas foram surgindo, como a irrequietude dos alunos nos momentos das explicações. Perante isto, adoptei algumas estratégias, umas com resultados mais positivos que outras, como por exemplo, manter o silêncio e esperar que os alunos se calassem; chamar a atenção com algum barulho mais forte; ou dar as instruções pretendidas e esperar que os alunos que estavam distraídos perguntassem o que se pretendia que fizessem. Esta estratégia permitia confrontar os alunos com a sua falta de atenção e o prejuízo que daí advinha.

Por fim, no sentido de corrigir atrasos constantes por parte de alguns alunos, optei por usar os exercícios de força, como advertência. Esta estratégia teve de ser aplicada umas quantas vezes, sendo que a primeira surpreendeu-os, pois não acreditavam que iriam realmente ser sancionados. Salienta-se que a estratégia deu resultados positivos em pouco tempo.

Naturalmente a relação professor/aluno não teve apenas um carácter penalizador. Os elogios e os estímulos foram sempre que possível utilizados.

3.8. Avaliação

Segundo Lemos (1993), as tarefas e a fase do processo educativo em que acontece a avaliação determinam a função da avaliação. Este autor refere que, se a avaliação decorrer na fase de planificação do processo educativo, terá como função orientar o processo, mas se decorrer durante a aprendizagem terá a função de o regular.

Tendo em conta isto, ao longo do estágio foram realizados três tipos de avaliação:

- A avaliação diagnóstica, que teve como objetivo verificar os conhecimentos dos alunos, analisando as suas dificuldades e os seus pontos fortes, constituindo-se como um contributo essencial na elaboração da extensão e sequência dos conteúdos a trabalhar.

- A avaliação formativa, que se associou sempre às reflexões realizadas, quer pelo docente, quer pelos alunos, após cada aula, condicionando o desenvolvimento das aprendizagens nos diversos conteúdos, colocando a necessidade de manter, ajustar ou alterar a planificação ou as estratégias de ensino/aprendizagem.

- Por fim a avaliação sumativa, realizada no fim de cada extensão e sequência de conteúdos, por forma a verificar se os objetivos estabelecidos foram alcançados.

3.8.1. Avaliação Diagnóstica

Esta modalidade de avaliação pode ser utilizada para avaliar a capacidade que um aluno detém em determinada área, ou conteúdo, estando relacionada com a orientação escolar, permitindo a perceção do grau de conhecimentos e aptidões que os alunos detêm para poderem iniciar novas aprendizagens. Permite identificar problemas, e serve de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos.

Refira-se ainda que a avaliação diagnóstica pode realizar-se no início do ano, no início de uma unidade de ensino e sempre que se pretende introduzir uma nova aprendizagem, caso se considere útil proceder a uma avaliação deste tipo.

Trata-se de um procedimento que se poderá entender como uma caracterização, mas pode, também assumir, uma função prognóstica, pois o objetivo da avaliação diagnóstica é o de dar indicações que permitam prever a evolução de um aluno, fornecendo informações capazes de orientar o processo formativo.

Com base nesta informação o docente pode, com maior rigor, introduzir as correções necessárias na planificação das suas aulas para um dado grupo de alunos, prevendo nomeadamente a realização de atividades específicas.

Assim, a avaliação diagnóstica permitiu o estabelecimento de prioridades de ensino nos diversos conteúdos, que se encontram presentes no programa nacional de educação física, ajustando-os aos alunos, perspetivando a sua melhoria em cada modalidade.

A aplicação dos testes de fitnessgram constituiu também um processo de avaliação diagnóstica, permitindo perceber qual seria o nível de aptidão física da turma.

No sentido de concretizar esta modalidade de avaliação, o grupo de educação física preparou as várias tabelas de avaliação, por forma a uniformizar procedimentos e registos.

Os dados recolhidos foram introduzidos numa tabela que continha toda a informação resultante da aplicação.

Como as aulas iniciais eram observadas por todos os elementos do grupo de estágio, existiu sempre a colaboração dos colegas no preenchimento dos dados.

3.8.2. Avaliação formativa

Realiza-se ao longo de todo o processo de ensino/aprendizagem com uma função formativa/avaliativa dos alunos e um papel de regulação do mesmo, ao nível de possíveis dificuldades e progressos no rendimento dos alunos. Desta forma, é possível controlar não só a atividade dos alunos, mas também, a do professor de modo a possibilitar o reajustamento, quer das estratégias de ensino (ao ritmo de aprendizagem), quer dos próprios planos de aula (justificando as decisões e modificações realizadas).

Efetivamente, esta forma de avaliação mais criteriosa e racionalizada é mais adequada, quer para os alunos (na medida em que podemos quantificar e qualificar o seu desenvolvimento), quer para os professores – sendo a

avaliação facilitada na medida em que se possui todos os comportamentos, balanços e registos dos domínios a avaliar.

No entanto, há que referir que a avaliação sendo uma tarefa dos professores, pode, com muitas vantagens, ser partilhada, nomeadamente, com os alunos, com os pais, com outros professores, com os serviços de apoio educativo.

A avaliação formativa foi realizada aula a aula, em momentos diversificados. Portanto, uma vez que as situações sujeitas a avaliação são múltiplas e complexas este procedimento teve por base uma reflexão ponderada e criteriosa e permitiu referenciar toda a evolução que os alunos desenvolveram, bem como, perceber, em cada momento, se os alunos se encontravam no “bom caminho”, ou se por outro lado, seria necessário adaptar as estratégias para que os alunos pudessem retomar o seu percurso evolutivo.

Considero esta dimensão algo complexa, pois não é simples avaliar os alunos e cada decisão tomada acarreta responsabilidade, contudo foi importante passar por ela, permitindo-me aumentar a confiança e diminuir os receios na atribuição da classificação.

A avaliação formativa não constitui alternativa à avaliação sumativa. A sua complementaridade resulta do facto de permitir uma visão de síntese, mas, também, de acrescentar dados à avaliação pois, sendo a avaliação sumativa mais global e estando mais distante no tempo relativamente ao momento em que as aprendizagens ocorreram, será possível avaliar a retenção dos objetivos mais importantes e verificar a capacidade de transferência de conhecimentos para situações novas.

Considerando a importância desta modalidade de avaliação, no final de cada aula, elaborei uma síntese reflexiva, explicitando os pontos fortes e os pontos fracos relativos a vários aspectos.

Nas dimensões que implicavam a execução dos exercícios, tive o cuidado de partilhar a minha análise com os alunos, perspetivando exercícios complementares que pudessem contribuir para um melhor desempenho, mantendo os índices de motivação e de participação. Assim, relativamente aos gestos técnicos realizados corretamente, incentivei a sua manutenção, naqueles em que o nível pretendido ainda não havia sido adquirido, foi fazendo

correções (quer individuais, quer dirigidas à turma), conducentes à aquisição dos objetivos propostos.

3.8.3. Avaliação sumativa

Este momento de avaliação, que se realiza sempre que os conteúdos de determinada componente forem lecionados, permite ao professor verificar se realmente os objetivos inicialmente definidos foram, ou não, alcançados e verificar igualmente se houve aprendizagem ao nível da prestação motora dos alunos. Assim, este é o tipo de avaliação que melhor possibilita uma decisão relativamente à progressão ou à retenção do aluno, uma vez que compara resultados globais, permitindo verificar a progressão de um aluno face a um conjunto de objetivos previamente definidos.

Tendo isto em conta foi-nos sugerido a criação de uma tabela em Excel de forma a facilitar e conferir rigor a todo esse processo.

Este revelou-se difícil e requereu muita reflexão e muito debate, no entanto, considero que foi possível definirem-se parâmetros claros e rigorosos que permitiram uma avaliação mais objetiva dos comportamentos e atitudes.

Considero que a avaliação foi um processo que se apresentou mais ou menos como tinha previsto, no entanto, os critérios de avaliação para cada modalidade foram bastante discutidos, ponderados e realizados com o acordo do orientador de estágio.

Termino este período de estágio convicto que esta experiência me forneceu tudo o que era necessário para que me tornasse um professor competente e com sucesso.

3.9. Observação das aulas

A presença dos colegas estagiários foi um excelente contributo para o desenvolvimento profissional individual, por vários motivos, um dos quais prendeu-se com as observações e, posteriores reflexões, realizadas em

conjunto e, a partir das quais, surgiram diferentes perspetivas dos atos educativos.

Em relação às aulas que observei, posso concluir que revelaram-se manifestamente importantes, pois o facto de observar, não só o professor orientador, mas também os colegas, permitiu-me melhorar não só os métodos, mas também as estratégias de ensino.

As aulas em que fui observado pelos meus colegas permitiram-me retirar ilações sobre os vários tipos de relação que eles estabeleciam com os seus alunos, o tipo de comunicação que utilizavam, as diversas formas de organização da aula, os procedimentos adoptados na resolução de problemas de disciplina, além das estratégias adoptadas no que diz respeito à assimilação dos conteúdos e para a motivação dos alunos nas tarefas propostas.

Relativamente às aulas em que fui observado pelo orientador, os seus feedbacks, após a aula, foram bastante úteis e eficazes, permitindo uma análise mais ajustada das diversas situações ocorridas, tornando mais fácil a interiorização e discussão dos erros cometidos, contribuindo para que, de uma forma ou de outra, melhorasse a qualidade do ensino.

De realçar, o facto de as reflexões terem sido sempre realizadas em conjunto, o que permitiu que cada um de pudesse confrontar o seu ponto de vista, contribuindo assim para uma melhoria do processo ensino/aprendizagem.

Os feedbacks fornecidos pelo orientador e pelos colegas de estágio, alertaram-me para determinadas situações que poderia aperfeiçoar, de modo a tornar a aula mais motivante e com mais sucesso. As trocas de impressões sobre as aulas permitiram uma reflexão e compreensão bastante mais profundas da minha actuação como professor.

3.10. Atividades da escola

Nos dias de hoje, devido à conjuntura que o país está a sofrer, vemos o papel tanto do desporto, como da própria educação física desvalorizado, consequentemente, o papel do professor de educação física é desconsiderado, quer pela escola, quer pelo próprio ministério (entidade empregadora).

Tomando como exemplo o facto da educação física deixar de contar para a média do ensino secundário, ou o aumento do número de alunos por turma, implicando a diminuição do número de turmas, torna-se imperativa a modificação do comportamento destes profissionais, começando por ter um papel ativo na instituição em que se encontra inserido, tornando a sua presença visível, tanto na escola como fora dela, sempre com o objetivo de deixar a sua marca nos alunos e na comunidade.

Neste âmbito, o grupo de estágio participou de forma empenhada em várias atividades, quer na escola, quer fora dela, como foi o caso do desporto escolar, com atividades realizadas na escola e com participações regionais.

Desenvolveram-se também atividades abertas à comunidade onde a escola se insere, que contaram com grande adesão e foram muito bem-sucedidas, nomeadamente o Street Basket e o torneio de Voleibol 4x4.

3.11. Desporto escolar

A exercício físico, em geral e, o desporto escolar, em particular para além de previstos no quadro normativo vigente, constituem atividades de grande relevo e utilidade no combate ao insucesso escolar e de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

O programa do desporto escolar visa promover estilos de vida saudáveis que contribuam para a formação equilibrada dos jovens. Em muitos casos promove ainda o gosto por determinada modalidade, salientando-se que, em Portugal, alguns atletas de alto rendimento despertaram no desporto escolar.

A minha participação no desporto escolar, consistiu no acompanhamento da equipa de Badminton masculina e feminina durante o ano lectivo, quer nos treinos, quer em dia de jogos.

Todo este processo decorreu muito bem, e como tal a experiência foi muito gratificante.

O contexto é o mesmo, mas as relações que se estabelecem com os alunos são diferentes. É de muito agrado trabalhar quando sabemos que o aluno está lá por vontade própria e que tem gosto por aquilo que pratica. Este processo do desporto escolar é, na minha opinião, fundamental no processo de

estágio porque permite ao estagiário ter uma realidade diferente dentro do contexto escola e também permite (como foi o caso), conhecer o processo organizativo que a coordenação do desporto escolar tem de executar dentro da escola.

Bibliografia

Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte, Coleção Cultura Física, Lisboa.

Carvalhinho, L., & Rodrigues, J. (2004). *Formação Desportiva. Perspectivas de Estudo nos Contextos Escolar e Desportivo*. Lisboa: Edições FMH.

Faria, G. (1972). *Introdução à Didáctica de Educação Física* (1ª ed.). Amadora: Fórum Editora LTDA.

Formosinho, J. (2001). *A Formação Prática dos Professores: da prática docente na instituição à prática pedagógica nas escolas*. Universidade do Minho.

Francisco, C., & Pereira, A. (2004). *Supervisão e Sucesso do Desempenho. Lecturas Educación Física y Deportes*, 10(Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd69/aluno.htm>).

Lemos, V. (1993). *O critério do Sucesso - Técnicas de Avaliação da Aprendizagem* (5ª ed.). Porto: Texto Editora.

Mesquita, A. (2009). *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Olímpio, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mountain View, Mayfield.

Temprado, J. (1997). *Prise de decision en sport: modalités d'études et données actuelles*. E.P.S.,56-58.

4. Artigo

Modelo protocolar para a ligação do associativismo a um clube escola

Sampaio, O., Reis, P., & Garrido. (2013). Modelo protocolar para a ligação do Associativismo a um clube escola. Em N. D. Garrido & A. Aranha (Eds), *A Escola Hoje: Livro de Artigos do IV Congresso* (pp 307–311). Vila Real: SDE-UTAD.

Resumo – Foi objetivo deste trabalho elaborar um guia prático para a criação de um Clube Escola, independentemente da modalidade desportiva, através de normas já estabelecidas pela lei, constituindo-se como um instrumento capaz de simplificar todo o processo burocrático no momento de implementar este projeto.

Palavras-chave: Clube Escola; Modalidade Desportiva

4.1. Introdução

De acordo com a Lei de Bases do Desporto, a educação física e o desporto constituem uma obrigação da administração central, através do Ministério da Educação, sendo as escolas as estruturas operativas. É nesta linha orientadora que surge a temática em questão.

Para além de um conjunto de razões com maior ou menor significado, há francamente motivos que justificam a realização deste artigo, dos quais se destaca a escassez de informação referente a todo o processo da criação de um Clube Escola.

Tendo em conta que com o passar do tempo, cada vez mais, a tecnologia, em especial a televisão e os videojogos, vai ocupando os tempos livres dos jovens, a criação deste projeto surge como uma forma de contribuir para o desenvolvimento da educação e da socialização entre eles. Isto acontece porque as atividades do clube decorrem fora do horário letivo, e terminado o período escolar, os jovens poderão continuar a praticar

determinada modalidade, sem terem de sair da escola, e num outro setor, federado, funcionando como o prolongamento do ensino de Educação Física.

Tendo isto em conta, “retirar” das ruas o maior número possível de jovens que não sabem o que fazer do seu tempo livre e de casa aqueles que vêm nas tecnologias a única forma de se sentirem bem, é outro dos motivos para a elaboração deste artigo, uma vez que a procura da informação necessária para criar um Clube Escola não será entrave para os interessados em levar a cabo este projeto, pois todos os passos serão enunciados no decorrer deste trabalho.

Como já foi referido, este artigo encontra-se integralmente relacionado com o desporto, que de acordo com Araújo e Rodrigues (2004), segundo a bibliografia, não existe ainda uma definição universalmente aceite, relativamente a este tema, apesar das várias definições que ao longo dos tempos foram surgindo.

No entanto a “Carta Europeia do Desporto”, aprovada na 7ª Conferência do Conselho da Europa, realizada entre os dias 13 e 15 de Maio de 1992 em Rhodes (Grécia), define desporto como “Todas as formas de atividade física que através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis.”

De forma a responder às necessidades a nível desportivo sentidas pela população, surge um novo movimento, o associativismo desportivo, que segundo Meirim (1995, p-23) “é um conjunto de organizações coletivas de cidadãos sem fins lucrativos, que visam promover a prática desportiva e o desenvolvimento desportivo”. Este conceito é neste momento uma das principais e das mais importantes formas de organização social. A sua importância transcende naturalmente a área federada, para se tornar relevante no âmbito da função social global do clube desportivo e da coletividade cultural, função considerada como fator fundamental na consolidação da aprendizagem do “estar em sociedade”, na aprendizagem do exercício de decidir coletiva e democraticamente do propor e do criticar aspetos essenciais da vida individual e coletiva” (Serôdio, 1998). O mesmo autor refere que o associativismo

desportivo é um dos valores centrais de toda a cultura desportiva, e da própria cultura. É uma questão que as autarquias locais não podem deixar de encarar em termos novos, capazes de liquidarem um conflito que prejudica o desenvolvimento desportivo, mas que, pior que isso empobrece a vida democrática da comunidade.

Devido à prática desportiva em grupo, este movimento deu origem a clubes, associações e federações. Segundo a lei de bases do desporto, os clubes desportivos são definidos como pessoas coletivas de direito privado e que têm como objetivo edificar associações de fim não lucrativo, no entanto o seu principal objetivo é o fomento e a prática direta de atividades desportivas (Pires, 2000).

Estes clubes prestam um serviço à comunidade em geral, e vão ao encontro dos interesses dos seus associados.

A criação de um Clube Escola insere-se neste modelo, que segundo o projeto de decreto legislativo é definido como associação promotora de desporto ligada a uma escola, sem fins lucrativos e que têm como objetivo a promoção e organização de atividades físicas e desportivas, com finalidades lúdicas, formativas ou sociais.

Estes clubes apenas poderão admitir como praticantes, alunos do próprio estabelecimento de ensino, ou então, no caso de serem escolas de referência, alunos de todo o concelho da área de localização. Além de garantir a participação da escola nas competições integradas no programa regional e nacional do desporto escolar, o Clube Escola pode ainda participar nas competições regionais federadas e nacionais, caso consiga o apuramento, do respectivo escalão.

Posto isto, passarei a apresentar o modelo da criação de um Clube Escola, a partir de protocolos celebrados entre várias partes, que em termos práticos os resultados já são visíveis.

4.2. Modelo protocolar para a ligação do Associativismo a um Clube Escola

O desporto é hoje em dia mencionado por alguns autores, como um dos fenómenos sociais mais importantes no séc. XXI e obviamente que, também a evolução que o desporto viveu, entre nós, desde o 25 de Abril, representou para o país um fator importante para o desporto nacional. É evidente que essa evolução está intrinsecamente associada às autarquias locais, pois elas desempenham, na sociedade portuguesa, um papel e uma importância que ninguém pode negar. Este papel é realizado através da adoção de medidas estratégicas de política desportiva, que se enquadram em torno dos seguintes objetivos (Constantino, 1994):

- Promover e desenvolver o desporto enquanto valor de melhoria da qualidade de vida das populações;
- Generalizar a possibilidade do acesso à prática desportiva;
- Aumentar a quantidade e qualidade da oferta de condições de treino e formação desportiva;
- Contribuir para o desenvolvimento da igualdade de oportunidades;
- Contribuir para a inserção e integração sociais, nomeadamente das minorias étnicas e sociais;
- Incentivar hábitos de continuidade da prática desportiva;
- Aumentar o número de atletas federados;
- Promover o desenvolvimento do nível do alto rendimento desportivo como forma de atração da juventude para a prática desportiva.

Sendo o Associativismo Desportivo um dos veículos por excelência no desenvolvimento desportivo de um concelho (Constantino, 1994) pensamos que o futuro aponta no sentido de enriquecer a população, dando-lhe a oportunidade de mais e melhores práticas desportivas devidamente enquadradas e apoiadas pelas autarquias.

Conforme estabelecido na Constituição da República Portuguesa - art. 79º, “incumbe ao Estado em colaboração com as Escolas e as Associações e Coletividades Desportivas, promover, estimular, orientar e apoiar a prática e a

difusão da cultura física e do desporto”. Considerando ainda o quadro de transferências de atribuições e competências para as autarquias locais, estabelecidas por alguns diplomas legais, a Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto (Dec.-Lei n.º5/2007 de 16 de Janeiro) e ainda o Dec-Lei n.º 432/91 de 6 de Novembro, acerca dos programas de desenvolvimento desportivo, verificamos uma incumbência de grande responsabilidade para as autarquias no apoio ao Associativo Desportivo. Visando o cumprimento dessas responsabilidades e o contributo para o desenvolvimento desportivo de um concelho através do Associativismo Desportivo, as autarquias deverão assim criar programas de Apoio ao Associativismo Desportivo de forma a clarificar o processo de atribuição de comparticipações financeiras, materiais e logísticas, garantindo assim um apoio transparente, justo, isento e equilibrado para o desenvolvimento desportivo local, pois de outra forma as coletividades não poderão sobreviver.

Um bom exemplo deste tipo de iniciativa reside em Celorico de Basto, onde a Câmara local celebrou um protocolo com a Federação de Andebol de Portugal (FAP), com o objetivo de desenvolver a modalidade na região, no qual se compromete a:

- Promover as condições inerentes à criação de uma Escola de Andebol, nomeadamente no apoio em instalações, materiais e transportes para a realização das atividades práticas;
- Comparticipar nos encargos que envolvam as ações previstas ao abrigo do protocolo;
- Garantir condições para o enquadramento Técnico, em particular na formação, nos transportes e nas instalações;
- Divulgar as diversas ações a desenvolver, possibilitando uma participação alargada da população.

Em contrapartida a FAP compromete-se a apoiar a criação de condições para a estruturação de Escolas de Andebol, assim como apoiar a filiação de clubes e formação de escolas de andebol na região.

Na mesma região foi celebrado um segundo protocolo, desta feita entre a mesma Federação e o Agrupamento de Escolas (Celorico de Basto).

A primeira parte compromete-se a:

- Ceder material didático às escolas, consoante as necessidades de cada uma, e face a um compromisso Plurianual do Agrupamento de Escolas;
- Conceder a inscrição e seguro desportivo gratuitos aos alunos participantes.

Além disso se a escola se organizar como clube desportivo estará isento de qualquer pagamento de taxas, seguros, inscrições em provas regionais e em alguns casos das arbitragens, nos dois anos completos a seguir à sua filiação.

Entre outros compromissos assumidos a escola promoverá a possibilidade de se constituir como clube Federado.

Celebrados estes dois protocolos, e dado o interesse de ambas as partes, Agrupamento e Câmara assumem uma parceria e põem em prática aquilo a que se comprometeram: a escola inicia a sua participação nas competições da Associação distrital de Andebol da região e a câmara disponibiliza todas as condições inerentes à prática desta modalidade, nomeadamente transporte, inscrições dos atletas, entre outras.

Através desta interação a escola assume o papel de Clube Escola, podendo competir nas provas organizadas pela Associação de Andebol de Braga, no entanto como não se trata de um clube federado não tem acesso a outros apoios, nomeadamente estatais, senão os referidos anteriormente. Além disso os treinadores, que são os professores de Educação Física da escola, não têm nenhum benefício quando comparados com os treinadores de equipas federadas, pois por exercerem essa função não são mais remunerados e além disso ainda têm de disponibilizar o seu tempo para acompanhar as equipas em dias de jogos, que habitualmente decorrem ao fim de semana.

Estes apenas têm direito às horas de desporto escolar e aos tempos de escola (TE), utilizados para realizar os treinos, que não são os suficientes, ou seja, os treinadores encontram-se nestas condições por gosto e vontade de desenvolver a modalidade e não por razões remuneratórias. Além disto, a

escola apenas tem condições para disponibilizar as instalações desportivas, utilizadas para realizar os treinos assim como os jogos, e os recursos humanos, nomeadamente a secretaria, para receber a informação vinda da associação e de outras entidades do interesse do Clube Escola.

De forma a fazer face a estas lacunas, constituir-se como clube federado será o próximo objetivo, pois só assim toda a estrutura envolvente terá mais e melhores apoios.

Tendo isto em conta, é caso para dizer que outras autarquias, outras escolas e associações de outras modalidades podem realizar este tipo de acordos e assim constituir um Clube Escola, proporcionando desta forma alternativas aos jovens para ocupar o seu tempo livre e ao mesmo tempo contribuir para o desenvolvimento do desporto no nosso país.

Os protocolos são para ser feitos, por isso se alguma das partes não tiver estes ou outros parecidos, resta eleborar e propor a sua aprovação.

"Ainda que as circunstâncias influam sobre o nosso caráter a vontade pode modificar as circunstâncias em nosso favor."

(Mill , Stuart)

4.3. Considerações Finais

O desporto assume uma importância particular na dimensão da saúde, ajudando ao desenvolvimento de práticas e estilos de vida mais saudáveis, hoje ainda mais importante face ao problema do excesso de peso e da obesidade, sobretudo nas faixas etárias mais baixas.

É a atividade desportiva que proporciona aos jovens um contato direto com elementos da cultura desportiva essenciais para lá das fronteiras do desporto e da escola – a aprendizagem das regras da cooperação e da competição saudável, dos valores da responsabilidade e do espírito de equipa, do esforço para atingir metas desejadas ou da importância de cumprimento de objetivos individuais e coletivos.

Desta forma, a escola não deve, em nenhum momento, ser apenas o espaço onde os jovens dispõem de infra-estruturas e oportunidades para fazer desporto.

É necessário a implementação de políticas diferenciadas, visando a extensão das atividades diárias dos jovens, a partir de uma variada programação desportiva.

Por isto mesmo pode dizer-se que a criação do “Clube Escola” é fundamental e necessário, porque oferecem aos jovens a oportunidade de terem uma educação com base no modelo de ensino com a prática desportiva e consequentemente com o associativismo, que segundo (Serôdio, 1998) é um dos valores centrais de toda a cultura desportiva.

É tempo de fazer o que deve ser feito para que os jovens possam aceder, com sucesso, aos benefícios da prática do Desporto.

Fica o desafio de, uma vez terminada a elaboração deste trabalho, que os interessados usufruam da informação disponível e a ponham em prática, aproveitando desta forma as condições que a cada dia que passa as escolas dispõem.

4.4. Bibliografia

Carta Europeia do Desporto. (1992). Conselho da Europa - Reunião da Comissão dos Ministros do Conselho da Europa., Rhodes.

Constantino, J. (1994). *Desporto e Municípios* (Livros Horizonte.). Lisboa.

Decreto-Lei n.º 79/2004, de 24 de Julho - Cultura física e desporto. (2004, Julho 24).

Decreto-Lei n.º 432/1991, de 6 de Novembro - Lei de Bases do Sistema Desportivo. (1991, Novembro 6).

Decreto-Lei n.º 5/2007, de 16 de Janeiro - Lei de Bases da Actividade Física e do Desporto. (2007, Janeiro 16).

Meirim, J. (1995). *Clubes e Sociedades Desportivas – Um nova realidade jurídica*. Lisboa: Livros Horizonte.

Pires, P. (2000). A Crise do Movimento Associativo em Portugal. *Revista Horizonte*, XVI (96).

Serôdio, A. J. (1998). Desenvolvimento do Desporto. *Série Didáctica – Ciências Sociais e Humanas*, (28).

5. Conclusões e perspectivas para o futuro

O estágio apresentou-se como o culminar de um ciclo de estudos e formação que servirão de base à minha vida profissional. Este foi o momento em que percebi claramente a importância e a articulação com a prática dos ensinamentos que me foram transmitidos, dando enfoque à minúcia com que cada atividade deve ser planeada, uma vez que estamos a trabalhar para as crianças e com as crianças.

Tratou-se de um momento que me permitiu adquirir um conjunto de experiências variadas e enriquecedoras, sendo que, algumas delas não estavam previstas nem foram “ensinadas”. Foi o caso de diversos problemas vividos pelos alunos, fora da escola, mas com repercussões na sua vida académica, obrigando os profissionais docentes a desenvolver capacidades que permitissem identificar e, se possível, contribuir para solucionar algumas das questões apresentadas, perspectivando-se, assim, que a função do professor também passa pelo auxílio na construção pessoal dos seus alunos.

Este foi um ano de descoberta, de partilha e aprendizagem, desenvolvida com todos os intervenientes no processo (alunos, estagiários, docentes, comunidade), em contacto com a realidade da educação em Portugal, experienciando todo o seu funcionamento, quer burocrático, quer pedagógico.

Foi minha preocupação, proporcionar aos alunos momentos marcantes no decurso das aulas, inculcar o gosto pela prática de exercício físico e sensibilizar os alunos para a prática de estilos de vida saudável.

Saliento a importância do planeamento e da análise, aspetos fulcrais para o trabalho docente, uma vez que o planeamento, apesar de flexível transmite enorme segurança ao professor e permite definir atempadamente o que se pretende trabalhar e desenvolver. Trata-se de um aspeto que se articula muito proximamente com a avaliação, nomeadamente a formativa, que fornece um conjunto de elementos que facilitam e orientam o planeamento.

Já no que se refere à reflexão, quer individual, quer em conjunto, permitiu-me a consciencialização dos vários momentos da aula, numa perspetiva de identificação de pontos fortes e pontos fracos, facilitando a troca de ideias, mantendo a abertura necessária à incorporação de sugestões diversas e

potenciando, por um lado a manutenção dos aspectos bem-sucedidos e, por outro a alteração de propostas ou estratégias menos conseguidas.

Cada dificuldade que se me apresentou, foi encarada como um percalço, a partir do qual era necessário estabelecer uma estratégia para ultrapassar a dificuldade. Este processo de construção permitiu-me, indubitavelmente, evoluir como professor, preparando-me para o futuro.

No momento em que concluo esta etapa tão importante na minha vida, destaco o sentimento de dever cumprido, a consciência de que fiz o melhor que soube nos diferentes momentos e a certeza de que o meu esforço valeu a pena, não só pelos conhecimentos adquiridos, mas acima de tudo, pelo grau de envolvimento que foi possível estabelecer com toda a comunidade escolar e educativa.

Certo de que este é apenas o final de uma etapa e o início de uma outra, sinto-me comprometido com a ideia de que a formação de professor é um processo contínuo, onde não existem fórmulas para o sucesso. Esse, passa pela dedicação e disponibilidade de cada um, partilhando a ideia de que “o caminho mais certo para o sucesso é o trabalho árduo, honesto, paciente e por muito tempo. Porventura a melhor forma de se conseguir isto mesmo é fazer o que se gosta.

Encaro assim o meu futuro com mais optimismo e segurança. Sinto que ocorreu uma grande evolução desde o início do ano até agora, e que todas as experiências passadas impulsionaram um aumento das minhas competências e do meu conhecimento.